

Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

Memória Familiar: Do Ninho dos Falcões em Curitiba às Barricadas de Varsóvia

Família Majewski

Relato de Claudio A. S. Cunha

Como morador de Curitiba, que é a segunda cidade do mundo fora da Polônia com o maior número de descendentes de imigrantes poloneses, e trabalhando próximo ao Parque Estadual Papa João Paulo II, popularmente conhecido como “Bosque do Papa”, frequentemente vou até lá no almoço para contemplar sua beleza.

Em uma dessas idas, ouvi dois idosos próximos a mim conversando sobre o terrível sofrimento da Polônia durante a Segunda Guerra Mundial. Na mesma hora, as palavras deles me despertaram lembranças afetivas dos meus saudosos pai e avó paterna, Albano e Wanda, respectivamente, autênticos descendentes de poloneses que me falavam sobre esse triste período da história da Humanidade.

Lembro-me de que meu pai gostava de filmes antigos da Segunda Guerra, então sem tanta violência explícita nas filmagens como aqueles a que assistimos hoje, e, em conversas comigo quando eu ainda era adolescente, comentava que diferentemente de um certo “romantismo” mostrado nas telas, na verdade seria algo terrível testemunhar pessoalmente os horrores de uma guerra.

Sobre isso, recorro à chamada “literatura de testemunho”. Em artigo do Boletim TAK (Casa da Cultura Polônia Brasil), a produção literária pós-1939 é analisada como uma ferramenta essencial para a reconstrução da civilização diante da barbárie da Segunda Guerra Mundial, destacando-se diversos autores da poesia polonesa, entre eles Anna Świrszczyńska, que foi enfermeira durante o sangrento Levante de Varsóvia, em agosto de 1944.

Na leitura dos poemas de Świrszczyńska, dois deles me marcaram profundamente: “Atirar nos olhos de um homem” e “O Escoteiro”. O primeiro é uma homenagem ao jovem Wiesiek Rosiński, “melhor aluno de polônês”, que foi morto por hesitar em atirar no inimigo. Já o segundo, é em homenagem a outro jovem, Jurek Oleszczuk, que tinha “a energia do combustível de um foguete espacial”, mas que também acabou sucumbindo nas mãos dos nazistas.

Ambos os jovens, com suas respectivas peculiaridades, demonstraram o heroísmo de lutar contra as tropas invasoras em Varsóvia, ainda que eles não estivessem preparados para os combates (alguém estaria?). Ao pensar sobre “preparação para a luta”, automaticamente me vieram à memória aspectos da vida do meu bisavô Zygmunt Majewski, pai de Wanda e avô de Albano.

Ele chegou ao Brasil no século XIX vindo de Kalisz, cidade polonesa que então estava sob o jugo do Império Russo. Na capital paranaense, foi um ativo comerciante e, em determinado período, um dos representantes do jornal *Gazeta Polska w Brazylii*. Em 1898, foi um dos fundadores e primeiro presidente da *Towarzystwo Gimnastyczne Sokół* (Sociedade de Ginástica Falcão) em Curitiba.



Conforme a literatura especializada, o “ninho dos falcões” de Curitiba seguia o modelo das sociedades homônimas europeias, com o lema "Em corpo são, mente sã". O seu objetivo ia além do esporte, visto que a ginástica seria um pretexto para o treinamento cívico e paramilitar, preparando os jovens para uma futura luta pela independência da Polônia, que na época não existia como Estado.

Em suma, a “Falcão” serviria como um verdadeiro centro de socialização patriótica, com a preservação da língua polonesa e difusão dos valores da hierarquia e disciplina, sendo um verdadeiro espaço de articulação política e de manutenção da polonidade em solo brasileiro.

Ressalto que a respeito do movimento *Sokół* na Polônia, que originou o “ninho dos falcões” em Curitiba, o documento do Senado polonês intitulado “Um resumo da história da Sociedade de Ginástica ‘Sokół’ - por ocasião do 150º aniversário da sua fundação (1867-2017)” reconheceu a sua grande importância para aquele país.

A Sociedade de Ginástica Falcão em Curitiba perdurou até 1920, quando surgiu na capital paranaense a *Związek Polski* (União Polonesa), fruto da fusão de três organizações: *Towarzystwo Gimnastyczne Sokół* (Sociedade de Ginástica Falcão); *Kółko Młodzieży Polskiej* (Círculo da Mocidade Polonesa); e *Towarzystwo Świętego Stanisława* (Sociedade de Santo Estanislau).

Na nova organização, da qual Zygmunt Majewski fez parte do conselho fiscal da primeira diretoria, a Falcão passou a figurar como uma de suas seções.

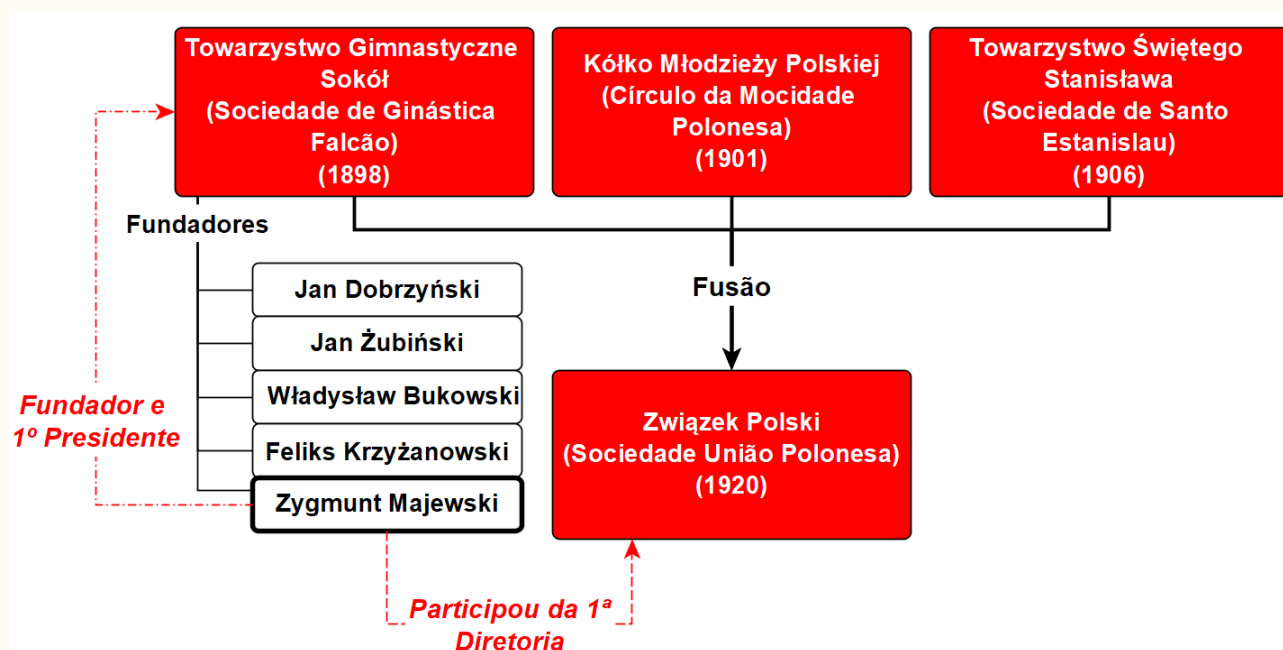


Imagem 1 – Diagrama com a criação e evolução de algumas sociedades polonesas de Curitiba (1898-1920).
Destaque para Zygmunt Majewski.

A nova e fortalecida União Polonesa, em pronunciamento à colônia de Curitiba no ano de 1920, se manifestou por intermédio do jornal *Gazeta Polska w Brazylii*, pedindo a união entre os integrantes da comunidade e informando que “já temos a Seção de Ginástica — onde se fortalecem o espírito e o corpo, e onde se preparam os quadros dos futuros combatentes da liberdade(...)”.



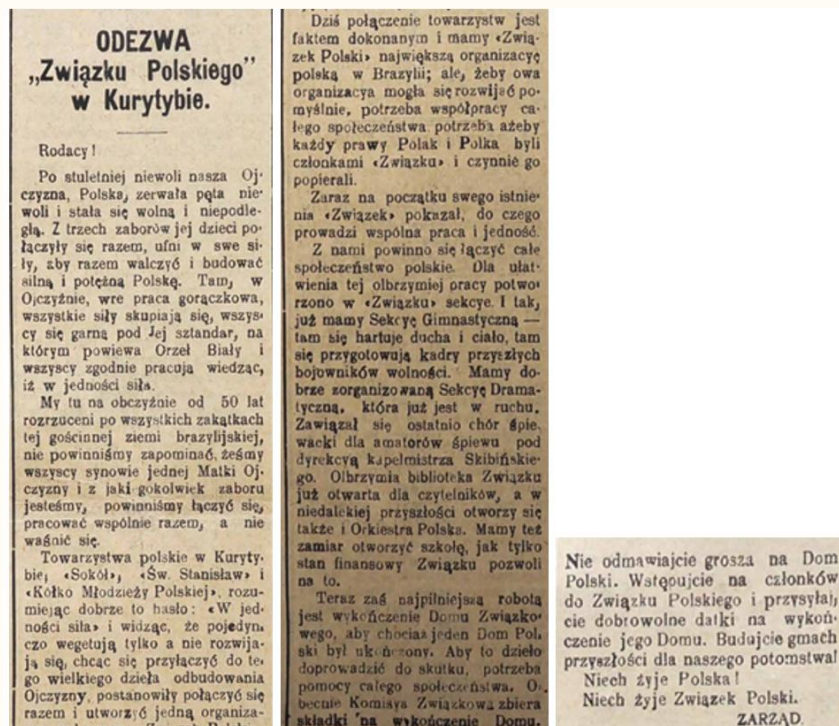


Imagem 2 – Fragmentos da Edição nº 24 (10/06/1920) da *Gazeta Polska w Brazylii*, editado em Curitiba com o pronunciamento da **União Polonesa**

Ao vermos a filosofia que permeou a criação e o desenvolvimento da “Falcão”, fica a indagação: será que o desfecho do poema “Atirar nos olhos de um homem” teria sido diferente se o jovem “melhor aluno de polonês” e que não aprendeu a atirar tivesse tido a oportunidade de receber o preparo físico e a prontidão civil que caracterizavam a filosofia da *Sokół*? Independente da resposta, fica o exemplo da bravura daqueles jovens, que traziam o amor à terra natal e a coragem daqueles que, por um ideal sublime, acabam por sacrificar as suas próprias vidas, explicitando a catástrofe de uma guerra.

Atualmente, o contexto geopolítico global mostra que a vontade de matar permanece viva, trazendo a inquietação: alguém está realmente preparado para uma guerra? A História ensina que lutar pode ser um imperativo de defesa e que o preparo antecipado aumentaria as chances de sobrevivência. Contudo, longe dos campos de batalha, existe outra forma essencial de luta: resgatar a história de nossos antepassados e fortalecer os laços entre Brasil e Polônia, duas nações unidas por grande afeto, apesar da distância. Talvez o verdadeiro “preparo para a luta” seja garantir que esse apreço nunca morra. E estamos preparados para esta luta!

Claudio A. S. Cunha - claudioanalistacunha@gmail.com

Realização:

Financiamento:

Apoio:

